

## 5 Considerações Finais

Tendo em conta os objetivos e questões centrais que nortearam esse trabalho, seu caráter exploratório e o movimento, crescente, no entanto, ainda embrionário das reflexões realizadas por profissionais de História a respeito da presença do cinema no ensino de História que se dá na educação básica, entendo que esta pesquisa permitiu produzir um painel de práticas de uso de filmes nesse campo do saber escolar, assim como trazer algumas reflexões inspiradas por esses usos.

Dito isto, permito-me fazer algumas observações e leituras que resultaram deste esforço de mergulhar, especialmente, nos significados que os professores de história entrevistados dão à presença do cinema em suas aulas.

O primeiro registro que faço diz respeito à coerência, de um modo geral, presente nos depoimentos destes professores, entre o que eles relacionam como seus objetivos de trabalho no ensino de história, como vêem o cinema, a ligação que estabelecem entre cinema e ensino de história e as motivações que relataram levá-los a fazer uso de filmes em suas atividades letivas.

Guardadas as legítimas diferenças entre suas percepções, o que domina é uma lógica que torna compreensível e que faz justificar plenamente a adoção dessa modalidade de trabalho no espaço escolar. Nela, portanto, as atividades com filmes comparece de forma unânime na prática dos docentes entrevistados, no âmbito do que Abud (2003) considera como “um dos elementos constitutivos de uma nova metodologia para o ensino da História” (p.183).

É bom lembrar, no entanto, que outros motivos foram apresentados para justificar a presença do cinema nas aulas de história, somando-se às razões propriamente de ordem metodológica, como a escolha estar associada à opção por uma determinada filosofia da educação ou como elemento que propicie aos alunos o acesso à produção cinematográfica como bem cultural.

Neste último caso, entendo, está implícita uma atitude que reconhece e deseja assegurar aos educandos o acesso à arte cinematográfica, não só como fonte de fruição estética, mas também como direito e instrumento de formação cultural, na medida que para parte das crianças, adolescentes e jovens brasileiros, por diversos motivos, entre eles, problemas sócio-econômicos ou mesmo relativos

à direção em que se move a indústria cultural hegemônica, não está dada a possibilidade de contato com uma filmografia diversificada, plural e na qual, de algum modo, os educandos possam se sentir representados.

Vale ressaltar que, de acordo com o depoimento destes docentes, o cinema se faz presente em suas aulas como decorrência de sua forte presença em suas vidas, portanto, tendo um valor intrínseco, mesmo antes de tê-lo como uma possibilidade e opção de instrumento de trabalho na educação básica. Esta trajetória me remete a uma intervenção de Teixeira e Lopes (2003), quando afirmam que,

“o cinema é importante para a educação e para os educadores, por ele mesmo, independentemente de ser uma fonte de conhecimento e de servir como recurso didático-pedagógico” (p.11)

Por outro,

“a constatação da importância do cinema por si só, qual seja, a necessidade de ‘formar’ a sensibilidade e as capacidades das crianças e jovens para melhor usufruírem e sentirem esta arte (...) não desconhece nem desconsidera seu caráter pedagógico e até mesmo didático” (p.11).

Saliento também que, tendo no cinema uma forma de expressão de arte, ao incorporá-lo ao ensino de história, os professores entrevistados o percebem como portador de conhecimento tanto quanto outras fontes de saber, respeitadas suas peculiaridades como linguagem.

Ao tratarem da relação cinema e história, considero que merece destaque a avaliação destes docentes de que a imagem fílmica traz, de um modo geral, uma contribuição ao processo de conhecer e ensinar história na educação básica, em especial, pela força da imagem como “reconstrução” ou representação do real. Desse modo, eles entendem que o filme permite tornar concretos, através da imagem em movimento, conteúdos, conceitos, expressões da vida cotidiana, trabalhados no ensino de história que, para os mais jovens, podem ser extremamente abstratos.

A isto, alia-se a possibilidade para alguns e a opção explícita para outros de contar com o filme como um documento de trabalho em sala de aula, seja dando conta da época em que foi produzido seja “*revisitando*” um tempo passado.

Vale reiterar que, de acordo com os depoimentos que colhi, a estes docentes não são desconhecidos os possíveis problemas de tratamento da História

nos filmes trabalhados no espaço escolar, em particular, em termos de correção e precisão históricos, no entanto, assim como eu, alguns dos entrevistados compreendem que, mesmo nesses casos, tendo em conta certos limites, é possível trabalhar-se a obra fílmica em uma perspectiva crítica, inclusive como elemento para discutir a própria construção da História nesse tipo de narrativa.

Quanto à utilização que os profissionais entrevistados fazem do filme em sala de aula, destaco alguns dos aspectos relatados.

O uso do filme, no exercício docente destes profissionais, vem combinado com outros procedimentos e recursos didáticos, portanto, ele aparece na composição de um trabalho que busca, em geral, ancorar-se em mais de uma fonte, sendo o filme, uma delas.

A meu ver, essa é uma opção bastante saudável, pois, do contrário, na hipótese de uma utilização excessiva e sem diálogo com outras linguagens, corre-se o risco de se estar, ainda que não seja o propósito, reforçando o que Saliba (2007) nomeia como um processo de “intoxicação de imagens”, nada diferente do que já se dá fora dos espaços escolares. Situação na qual, ainda de acordo com o autor, perde-se a oportunidade de contribuir para que os alunos possam exercitar uma “atenção discriminatória” das imagens (p.90).

Na busca por legitimar a presença do cinema na escola, uma preocupação presente entre os professores entrevistados é de que esse uso deve ser entendido e aceito por alunos e demais membros da comunidade escolar como “*parte integrante da aula*” e não como “*intervalo*” ou “*tempo vago*”.

Acredito que, apesar de já ser uma dificuldade superada para parte destes docentes, sua recorrência revela que ainda é um incômodo não transposto por outros em suas instituições escolares, além de sua expressão demonstrar uma atitude de rigor profissional destes professores.

Uma outra preocupação marcante dos entrevistados foi quanto às limitações de tempo para a atividade com filmes no espaço escolar, o que leva muitas vezes a que alguns desses professores sejam obrigados a abrir mão de exibir obras que seriam relevantes para o trabalho com os alunos, por absoluta impossibilidade de encaixá-los nos horários disponibilizados. Alguns também relacionaram esse problema, especificamente, no ensino médio, ao conteúdismo que resulta, entre outros, do investimento excessivo de muitas escolas nos programas dos vestibulares.

Nesse ponto, acredito que seja necessária não só uma permanente, renovada e séria discussão que atualize e adeque os currículos, programas e tempos escolares às necessidades de nossa época e às demandas de cada comunidade escolar, mas que assim fazendo, examine o lugar e a dimensão que devem ter a incorporação, das nomeadas por Ramos (2005), “linguagens artísticas”, na educação básica e, neste caso, no ensino de história.

Pessoalmente, entendo, que um debate deste tipo, em hipótese nenhuma, deve se permitir ser agendado e constringido pelos objetivos específicos e restritos dos exames de seleção para o ensino universitário.

O relato dos professores entrevistados me deixou a convicção de que, para este grupo, o uso do filme no ensino de história está fortemente vinculado a uma perspectiva que o concebe como um instrumento que contribui para a reflexão crítica sobre a temática histórica e aspectos que dizem respeito à formação humana de seus alunos. Penso que essa seja uma das razões que os faz defender de forma firme e entusiasta, o valor das discussões sobre as obras filmicas durante e (ou) após sua exibição.

Em se tratando de profissionais que trabalham com o ensino de história, esteve bastante presente a percepção de que a exibição de qualquer obra filmica precisa ser acompanhada de uma apresentação, não só quanto aos dados de produção (ano; país; diretor; etc), mas também do contexto histórico específico com o qual dialoga.

Como os professores entrevistados, acredito que esse deva ser um princípio elementar do uso do filme no ensino de história, sem essa contextualização perde-se inteiramente o sentido de sua utilização nesse campo específico do saber escolar, além de se estar, desta forma, negando aos alunos uma ferramenta poderosa para a crítica da obra como representação da história.

A respeito da avaliação que os professores entrevistados fazem do uso do filme no ensino de história, levanto alguns pontos.

Foi predominante perceberem o filme como uma linguagem e um documento mais aceito pelos jovens do que outros e, de modo geral, atribuírem isto ao fato do cinema se fazer muito presente em nossa sociedade, em especial, nas grandes áreas urbanas, mas também por conta do distanciamento da leitura e da literatura em sociedades cada vez mais visuais como a nossa.

Vale recordar, que uma professora relatou fazer do interesse dos alunos pelo filme uma ponte para também resgatar o interesse pelo texto escrito, pelo livro. De minha parte, como uma outra lembrança, a de que, em geral, um bom filme é o produto também de um bom roteiro, portanto, um texto de qualidade, o que talvez caiba ser reiterado aos alunos, como estímulo ao valor que o devido equilíbrio entre imagens e textos escritos, livros, deva ter em suas formações e vidas. Como afirma Saliba (2007), “a solução prática é saber dosar imagens e livros” (p.94).

De todo modo, o diagnóstico dos professores me parece ter uma forte conexão com os efetivos lugares reservados, de um modo geral, às imagens e os textos escritos na cultura juvenil dominante, ainda que, também ao que percebo, essa não seja uma marca somente deste grupo da sociedade brasileira.

Uma outra avaliação que julgo valha a pena mais uma vez registrar é a de que estes professores consideram que a atividade com filmes favorece a possibilidade de interação e participação mais ativa dos alunos nas aulas de história.

Considerando o que me foi relatado, isso se deve em boa medida a um conjunto de referências e estímulos oferecidos pelos professores ao convocar seus alunos para assistirem a obras filmicas no ensino de história, entre eles, o fato de buscarem filmes com algum parâmetro de qualidade e que levem em conta o perfil da turma.

Encerro estas considerações finais, lembrando o que talvez seja o mais importante, o de que para este grupo de professores de história entrevistados, é unânime a avaliação de que a atividade com filmes, devidamente acompanhada de um olhar crítico, traz uma significativa contribuição como instrumento de conhecimento nesse campo do saber escolar, assim como, sob diversos aspectos, para a formação humana mais ampla dos educandos.

“O filme jamais substituirá um professor, uma sala de aula... o que o filme faz é resgatar uma memória presente” (cineasta Sérgio Rezende, Semana de História, Auditório Padre Anchieta, PUC-RJ, 20/09/2006)